

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

ATO DRAMÁTICO E O OUTRO SEXUAL

Tales Ab'Sáber

A clínica dos chamados perversos, nomeação carregada de sombra moral e julgamento prévio, atos psíquicos *anti-analíticos* do analista, nos provoca e confronta com *experiências* para as quais não costumamos encontrar *lugar psíquico* em nosso trabalho cotidiano de psicanalistas. As condições contemporâneas de *crítica política de normatividades sexuais* vigentes – movimento social que não encontra oposição na teorização freudiana, muito pelo contrário – implica uma crítica das sombras morais e de algumas certezas não criticadas que genericamente se abatem sobre a estrutura discursiva da psicanálise original, e seu setting histórico, construído inteiramente sobre as bases de um tipo de experiência psíquica *transferencial*, em que, apesar da diferença inconsciente, se pressupõe igualdade estrutural de psiquismos de analistas e pacientes.

O setting primeiro da psicanálise, objeto histórico tido por instituição universal, foi baseado na estrutura de atenção e de cuidado do *sujeito que dorme e sonha, acorda e pensa*, e que flutua em espaços imaginativos e de fantasias, em sua vida pré-consciente ativa, entre esses dois mundos de produção psíquica para ele necessários. O analista *que escuta tudo igualmente*, incluindo no trabalho a atenção às próprias impressões e fantasias, e que, pela presença do divã como objeto ordenador do setting, evita acesso visual direto com o paciente, reconhecendo a intensidade de sua própria produção imaginária e associativa, também é um *sujeito onírico*, ou um *sujeito do inconsciente*, disposto na situação do mesmo modo que o paciente: dando livre vasão ao pensamento, conexões sensíveis, emergências psíquicas, dados desconhecidos de representação e sentido.

Daí a presença imaginária e teórica na primeira psicanálise das neuroses de um certo *simetrismo* psíquico, em que elementos significantes de um, analista ou paciente, podem chegar a habitar o outro, e elementos de outro podem fazer pressão por fim compreensível como índice de linguagem que ambos reconhecem, a transferência, sobre o primeiro. Se são pessoas muito diferentes a teoria psicanalítica, a o modo de estar no consultório, igualam paciente e analista em um ponto inconsciente produzido comum, que levaria ao encontro do sentido neste *fora da cada um, o inconsciente*

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

partilhado na clínica, mas que passa a ter sentido para ambos. É o mundo mais fino e complexo da psicanálise como *transferência*. Todavia, na clínica mais radical de um *outro sexual*, os chamados *perversos* da psiquiatria clássica do século XIX, as coisas parecem mais complicadas, por não haver esse grande espaço de correspondências sensíveis e oníricas entre paciente e analista. Freud já situou teoricamente, estruturalmente, por assim dizer, perversão e psicose em modos completos de operar *eu*, *realidade* e *outro*, em conjunto com outra ordem de relação de objeto e de gozo, reconhecendo pela primeira vez *as alteridades de grande forma* com que a psicanálise pode se deparar. Mas a descrição exterior, de formas psíquicas totais, subjetivação em *pathos*, psicopatologias comparadas, por assim dizer, pouco dizem respeito ao caráter do embate e do encontro clínico, sua produção e seu ensino, entre estes diferentes modos de estar no mundo.

Um trabalho continuado de análise de cerca de dois anos com um *outro sexual* contemporâneo pode nos esclarecer sobre a vida *deste choque de perspectivas de sentido*, ao mesmo tempo que deixa indicado, através da revelação clínica, no lugar de observação e vida do analista, e sua dialética fina, figuras psíquicas psicanalíticas não inscritas nas possibilidades da reflexividade exterior ao encontro, própria a um certa racionalidade objetificante da metapsicologia. Mais como um antropólogo das possibilidades psíquicas humanas, e sua grande variedade, do que o detentor de uma tábua mais ou menos definitiva de razões ordenadoras de um *aparelho* ou continente teórico, referido ao ser do próprio analista, *originalmente o sujeito de um tipo de sonho*, e não de outros, os analistas podem se dedicar a *bem desconhecer* seus pacientes, *estrangeiros* de sua própria humanidade, histórica, familiar e culturalmente situada. Este *bom desconhecimento*, diante de um desconhecido humano que nos exige trabalho desde o início das coisas da teoria – para mim o sentido epistemológico mais forte do *além do princípio de X (do prazer, dito originalmente...)* de Freud – é o epítome, o limite e a ética epistemológica fundante, do próprio método psicanalítico freudiano.

Este trabalho é o relato de como o caso de um verdadeiro *outro sexual*, o velho *perverso sexual* de outros tempos, implicou *ações interpretativas* enigmáticas, e verdadeiros acontecimentos clínicos *dramáticos*, para o analista, mas esvaziados de drama ou valor para o paciente, campo de sentido desigual, que elide o símbolo da comunicação neurótica, e que levou a uma verdadeira movimentação psíquica, de ambos, através da análise. Porque a clínica do mundo ativo *de relação de objeto dominante*, vazio radical do sentido das coisas comuns, do *outro sexual*, não corresponde inteiramente ao *ideal* do espaço e tempo livres, para o movimento livre, do

ANAIS

XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

paciente que busca sentido de si através de alguma *formação do inconsciente*, sempre derivada e pressupondo a presença da forma sonho, entre o concreto e o abstrato, em seu fundo. Uma reserva de *absoluta diferença* torna o paciente opaco às *esperanças do analista*, e, se o *perverso* perde força na correspondência da circulação comum de sentidos, o analista tende a investir o caso psicicamente com uma certa intensidade, que pode surpreender clinicamente a ambos.